

O AMOR NA SUA PLENITUDE

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 4 de outubro de 2025

Em certa ocasião, Pedro me perguntou quantos livros escrevi. Ele é um daqueles flamenguistas da gota serena. Quando não está usando a farda da escola, veste o belo “manto” rubro-negro. Responди que escrevi cerca de doze livros, considerando as várias edições de um deles (Primeiras Linhas de Direito Tributário). Registrei que outros dois estão em elaboração.



Um deles trata do triste fenômeno da corrupção. Nele, defendo duas premissas fundamentais: a) a prevenção, e não a repressão, deve ser a forma preponderante de combate aos desvios e malfeitos e b) a enorme desigualdade socioeconômica, e não a corrupção, é o principal problema do Brasil na atualidade.

O outro livro, com o título provisório “Como Encontrei Deus na Razão”, registra minha trajetória no campo da espiritualidade. Na infância fui aspirante a padre católico. Na juventude adotei a concepção materialista de mundo. Passei décadas da vida adulta como agnóstico, período em que considerava impossível afirmar categoricamente a existência ou não de Deus. Na última década, depois de variadas e profundas reflexões, encontrei nos princípios fundamentais do espiritismo (não confundir com o “espiritismo religioso” da maioria dos centros espíritas brasileiros) as mais prováveis explicações para as grandes questões da existência.

Esse último livro conta com os seguintes capítulos: a) matéria ou espírito; b) como o espírito prevalece sobre a matéria; c) Deus; d) princípios

que regem o funcionamento do universo: a gramática de Deus; e) os motores do progresso espiritual: o livre arbítrio e a inteligência; f) as dimensões da evolução: individual e social; g) o papel da pluralidade das existências (reencarnações) e da pluralidade dos mundos na evolução espiritual e h) Deus não interfere no mundo. Não existe pecado, milagre ou inferno.

O livro termina com um anexo que contém várias perguntas a serem feitas à Inteligência Suprema (ou Deus). Essas perguntas, ao longo do tempo, cresceram um bocado em quantidade e variedade de temas abordados. Já são quase 30 (trinta).

Um dos questionamentos busca a confirmação de uma “teoria”. Trata-se, nada mais, nada menos, do motivo da criação do mundo (do universo/multiverso/tudo que existe). A “tese” aponta o amor como elemento motivador da criação do mundo. O mais belo amor existe como relação, interação e referência com o outro. Deus, o amor absoluto, não ficou só. Ele não se “contentou” com a sua isolada, solteira, monótona e estéril perfeição. Deus criou e cria espíritos que evoluem pelo exercício do amor. Quanto mais amor, mais evolução (mais rápida e menos dolorosa). Só existe evolução com a prática do amor, nas suas múltiplas dimensões e manifestações. Em suma, os espíritos foram criados por Deus por uma razão básica: a multiplicação do amor. Quanto maior o número de espíritos, maior é o amor potencial e o amor efetivo nas diversas trajetórias evolutivas somadas.

Recentemente, acrescentei uma nova indagação. Por que o amor, em toda a sua diversidade e complexidade (“romântico”, pelos parentes, pelos amigos, pelos semelhantes, etc), tantas vezes é interdito por circunstâncias negativas do mundo? Em outras palavras, os amores não deveriam ter “curso livre” (sem obstáculos) para maximizar a felicidade dos viventes?

Imagino qual será a resposta a ser recebida no momento certo (aliás, não tenho nenhuma pressa para ter os questionamentos respondidos. Sou paciente ...). Ele “dirá” algo assim: os amores são vividos e



desvividos” da forma que precisam ser. Eles são momentaneamente “suspensos”, por várias razões (ou causas), mas sempre retomam seus caminhos convergentes. Afinal, são as energias mais fortes que existem (deixam “no chinelo”: a gravidade, o eletromagnetismo e as forças nucleares forte e fraca).

E “dirá” mais, o Ser Supremo: sua pergunta revela uma pressa mundana. Dias, meses e anos terrestres são quase nada diante das milhares de reencarnações e do infinito da eternidade, o verdadeiro palco para a dança existencial dos amores regida pela complexa (e bote complexa nisso) teia de causas e efeitos.

Ele, o Absoluto (aliás, o único absoluto), deixará a melhor parte para o final da “prosa”. Querer viver (ou manter) seus amores, no seu tempo, segundo os “interesses” de suas necessidades emocionais, denuncia uma dose, maior ou menor, do pior sentimento (ou valor moral): o egoísmo. Afinal, o oposto, ou antônimo, do amor não é o ódio, como normalmente se diz. O oposto do amor é o egoísmo. A essência do amor envolve a doação para o próximo, o irmão na jornada da vida. Como disse Jesus, “ame o próximo como a si mesmo”. O egoísmo é justamente a cegueira em relação ao outro. Para o egoísta só existe o eu, tudo eu, somente eu.

Ele estará certo. Ele sempre esteve, está e estará certo. Afinal, é o absoluto: a) do poder (onipotente), b) da presença (onipresente); c) do conhecimento (onisciente); d) da justiça; e) da bondade e f) do amor. “Jogarei a toalha” e reconhecerei o esquecimento momentâneo das lições reveladas por Jesus. Disse o Mestre dos Mestres: “O amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensas. A renúncia é o seu ponto de apoio, como ato de dar é a essência da vida. A capacidade de sentir grandes afeições já é em si mesma um tesouro. A compreensão de um amigo deve ser para nós a maior recompensa”, e ainda: “O amor, essência de toda glória e de toda a vida, pede um coração e sabe ser feliz” (obra espírita BOA NOVA de Chico Xavier pelo espírito Humberto de Campos).

Faz parte do processo de evolução espiritual, como uma de suas mais relevantes conquistas, compreender e aceitar o tempo do mundo e as



exigências da trajetória espiritual de quem cruzou pelo seu caminho, mesmo que seja um de seus maiores amores.

A compreensão dispensa a necessidade do perdão, porque já não existe ofensa. Essa mesma compreensão (e aceitação) eleva o amor à sua plenitude. Trata-se do amor desprovido do menor traço de egoísmo. É o amor que entende as trajetórias espirituais próprias dos seres amados, mesmo que exijam distâncias físicas e separações. Esse é o sentido mais profundo da conhecida frase de Jesus, presente em três evangelhos: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice; contudo, que não seja feita a minha vontade, mas a tua" (Mateus 26:39, Marcos 14:36 e Lucas 22:42). A "vontade do Pai", que prevalece sobre a "vontade do filho", é justamente a realização de projetos de evolução espiritual que distanciam física e emocionalmente serem que se amam.

Como "todo amor é sagrado", a sua máxima expressão é a contribuição próxima ou distante para o progresso espiritual dos amados rumo à perfeição (e felicidade) possível. Ao ser exercitado nessa extrema intensidade, será "recompensado" com a partilha dessa perfeição (e felicidade), conclusão compatível com um mundo criado pelo Absoluto do Amor.

